

## FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DA PEDAGOGIA: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Maria Cleidiane Cavalcante Freitas <sup>1</sup>

### RESUMO

Sabemos que a educação acompanha a história do processo de humanização, se articulando de forma imbricada com o cotidiano dos primeiros agrupamentos humanos. Desde os povos primitivos até os dias atuais, depreende-se certas formas de fazer/saber que demandou/a processos e espaços de transmissão, pois à medida que a humanidade acumula conhecimento é preciso que eles sejam compartilhados aos contingentes humanos. Dessa prática educativa, vai se desenvolver a ciência pedagógica, a qual aborda o fenômeno educativo como objeto de estudo. No entanto, essa ciência vai se desenvolver articulada com a educação e em cada momento histórico vai produzir uma noção particular da educação e suas dimensões. Portanto, este artigo, objetiva refletir sobre os fundamentos da pedagogia ao longo de sua história, a título de contextualização, por compreender a relevância dessa ciência para a formação docente. Desse modo, comunicamos as reflexões oriundas de um processo de investigação de natureza bibliográfica. Ressaltamos que a história da pedagogia está intrinsecamente ligada à história da educação, sendo importante refletir sobre a mesma a partir de sua relação com a luta de classes, pois as disputas socioeconômicas irão impulsionar as disputas na área pedagógica. Além disso, podemos destacar que desde a Revolução Industrial, iniciamos um processo de massificação da educação através da escola.

**Palavras-chave:** Educação e luta de classes, História da pedagogia, Fundamentos da pedagogia.

### INTRODUÇÃO

Sabendo da importância da educação e, especificamente, das contribuições da pedagogia para os processos formativos sistematizados e institucionalizados, apresentamos um breve resgate histórico do pensamento pedagógico universal com o objetivo de refletir sobre os fundamentos da pedagogia ao longo de sua história. Visa-se com isso, destacar a noção de pedagogia própria de cada época e a função social da escola no processo de reprodução/transformação social, buscando entrever o seu fundamento ontológico nos diferentes tempos, teorias, modelos e práticas, cujas análises se amparam no materialismo histórico-dialético, tendo como procedimento, a pesquisa bibliográfica.

Fazemos isso, dada a relevância da educação para a formação humana, pois comparece no processo de reprodução social, além disso, é de sua importância que essa reflexão seja realizada no contexto dos cursos de formação docente, permitindo ao licenciandos/as uma visão pedagógica ampliada da educação e de seus condicionamentos

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, [maria.freitas@ifce.edu.br](mailto:maria.freitas@ifce.edu.br).

sócio-históricos, mas também pela percepção da pedagogia como ciência da educação com teorias, métodos, práticas específicos e necessários para a educação escolar.

No decorrer do estudo, percebemos que as ideias pedagógicas bem como a concepção de educação de cada época, é perpassada pela luta de classes. Conforme salientam Marx e Engels (2009, p. 67) “as ideias da classe dominante, são em todas as épocas, as ideias dominantes”, por isso, nossa pesquisa nos conduz inevitavelmente a percorrer, mesmo que ligeiramente, as ideias sobre a educação e, em particular, sobre a pedagogia nos diferentes períodos da história. Desse modo, nosso diálogo, se inicia na antiguidade, perpassando o período medieval até a modernidade, legando suas heranças para a contemporaneidade.

Como salientam Marx e Engels (2009, *passim*) “a produção das ideias, das representações, da consciência está, em princípio, diretamente entrelaçada com a atividade material” e mais: os indivíduos que compõem a classe dominante também possuem consciência e, por isso mesmo, além de dominarem enquanto classe, determinam todo conteúdo de uma época histórica e passam a ser os próprios produtores de ideias e reguladores da sua produção e da sua distribuição.

Em o *Manifesto do partido comunista*, Marx e Engels (2003) assinalam que a história das sociedades que já existiram até os dias de hoje é a história da luta de classes, em cada momento histórico um determinado grupo domina e oprime o outro, mesmo no comunismo primitivo, na transição para a antiguidade, já estava presente o fenômeno da divisão de classes, tal divisão perpassa o fenômeno educativo e, conseqüentemente, o pedagógico de sua origem à atualidade.

Lembramos que, em alguns momentos da história, somente os homens livres eram dignos de receber uma educação, que aos poucos se tornou uma escola de Estado e pública. Para os que estavam embaixo da pirâmide os direitos eram mais restritos e mais rigorosos os deveres (MANACORDA, 2010). Noutro momento a escola se difunde e passa a receber além das crianças livres, os infantes pobres e até pessoas escravizadas. O processo de publicitação e estatização da escola implicou em melhorias no atendimento educacional.

No campo pedagógico podemos dizer que a pedagogia se depreende da educação em geral e emerge enquanto ciência entre os séculos XVIII e XIX, assim “nascia com uma história ideologicamente orientada [...] pondo particular acento sobre os ideais e a teoria, representada sobretudo pela filosofia (CAMBI, 1999, p. 21-22). Segundo

Suchodolski (1984, p. 29), sua constituição é perpassada pela querela entre pedagogia da essência e pedagogia da existência, a qual perdura até o século XVII.

Todavia, na modernidade, as teorias pedagógicas, os processos educativos e as instituições se renovam. Das oficinas artesanais, do trabalho manual, passando pela formação humanista, intelectual, a modernidade evoca uma formação ligada às necessidades, primeiro da manufatura e depois da fábrica. O pensamento educacional se modifica em relação à ciência, à história e a incorporação de novas ciências humanas, como a psicologia, que passa a atribuir à educação a tarefa utópica de regeneração do homem (CAMBI, 1999, *passim*), cabendo à pedagogia teorizar tal questão. Presencia-se mais uma renovação pedagógica.

Cabe-nos por fim, alertar ao leitor/a que nossa discussão toma a pedagogia como ciência da educação e que, portanto, se relaciona de forma muito íntima com ela, mas que não pode ser compreendida como sendo a própria educação, se agíssemos assim, desconsideraríamos a educação espontânea e difusa que recebemos nos mais variados ambientes em que nos relacionamos, logo, é preciso enfatizar que nossas discussões se dedicam a educação formal, sistematizada e institucionaliza, embora em alguns momentos, para efeito histórico, possamos enunciar outros processos educativos.

De acordo com Cambi (1999, p. 24), passamos de uma história da pedagogia para a percepção mais ampliada de história da educação, o que o autor considera como uma revolução historiográfica “que redesenhou todo domínio histórico da educação e todo arsenal de sua pesquisa”, por isso, o imbricamento entre educação e pedagogia se tornam perceptíveis e, ao mesmo tempo, intransponíveis. Essa concepção de historiografia da educação, permite-nos acessar um sistema mais aberto e complexo.

Conforme Saviani (2008), só a partir do século XIX se tendeu a utilizar o termo pedagogia. Este uso se atribui a necessidade da instrução popular trazida pela Revolução Francesa, forçando o surgimento das Escolas Normais, encarregadas de formar os mestres. Essas escolas, em nível superior surgiram bem antes, mas com a necessidade da universalização da instrução foram criadas as Escolas Normais primárias, ou seja, formavam os professores para o atendimento ao nível primário, enquanto o superior habilitava os docentes para atuarem no nível secundário.

Ainda conforme esse autor confluía dois modelos formativos para os professores: um baseado no modelo dos conteúdos culturais-cognitivos, demarcado pelo domínio dos conteúdos da disciplina a ensinar que prevaleceu nas universidades; e o outro, modelo pedagógico-didático que predominou nas Escolas Normais.

Para a burguesia, a educação viria para assegurar o seu domínio impregnando os indivíduos com o seu espírito produtivo. As pedagogias burguesas se diferem entre si, porém, possuem um ponto comum: salvaguardar a sociedade burguesa. O mesmo processo de diferenciação ocorre com as pedagogias populares, ora mais reformista, ora mais revolucionária. No positivismo, a educação é colocada como ponto central de integração entre o sujeito socialmente produtivo e à sociedade. No socialismo, a pedagogia é criticamente desmascarada e guia-se pela ideia de emancipação social.

O século XX experimentou, a nível internacional, uma renovação pedagógica por meio das Escolas Novas. Nesse momento a escola sofre uma profunda transformação, abre-se o caminho para a pedagogia ativa, sob o primado do fazer, a qual, ainda hoje, é possível sentir suas marcas. A escola também se abre às massas, não por generosidade, e sim, pela necessidade do sistema produtivo.

De acordo com Cambi (1999, *passim*) a pedagogia moderna em sua relação educação-sociedade neste fim de século incidirá sobre dois problemas: o tema do trabalho no processo de instrução técnico-profissionalizante e a descoberta da psicologia infantil levantando a hipótese de necessidade “ativa” da criança. Deixam para o Novecentos esse movimento de renovação pedagógica, evocando os métodos ativos. Chega aos dias atuais com variadas concepções, teorias e práticas ainda permeada pelas tendências tradicional, ativa e produtivista.

Há uma discussão longa e perene sobre a compreensão da pedagogia como ciência. Para alguns se trata de uma das ciências da educação, para outros, seria a própria ciência da educação. A par dessa querela, Franco (2003, p. 19) argumenta que durante muito tempo a pedagogia foi entendida como “a ciência e arte da educação, ou mesmo a ciência da arte educativa”. Na visão dessa estudiosa cabe à pedagogia como ciência “a reflexão dos fins e a busca dos meios para a concretização da educação”.

Libâneo (2010, p. 51) é provocativo e salienta que as práticas educativas não se restringem à escola e, portanto, “onde houver uma prática educativa com caráter de intencionalidade, há aí uma pedagogia”. A posição do autor é clara ao afirmar que cabe à pedagogia, diante da prática educativa, elaborar teorias que reflitam a realidade educacional com base nas demais ciências da educação, buscando compor seu próprio eixo epistemológico e metodológico, estando assim, ocupando seu lugar enquanto ciência, buscando construir e se assentar enquanto campo do conhecimento humano.

## **METODOLOGIA**

O estudo se aconcora na abordagem qualitativa utilizando como procedimento a pesquisa bibliográfica, submetendo o objeto à luz do paradigma do materialismo histórico-dialético. Desse modo, para melhor desenvolver nosso estudo, percorremos a história da educação da Antiguidade à época moderna, buscando entrever os aspectos qualitativos da pedagogia. Nessas análises duas categorias se destacam, por estarem presentes em toda a história da educação e da pedagogia, são elas: a luta de classes, fenômeno decorrente da divisão social do trabalho manual e trabalho intelectual, que alça a problemática do ócio; e, a consciência, que alavanca a temática da ideologia. Além disso, dialogamos com os seguintes autores: Marx e Engels (2009; 2003), Cambi (1999), Manacorda (2010), Saviani (2008), Ponce (2010), Franco (2003, Libâneo (2010) e Suchodolski (1984).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Na antiguidade, se desenvolve o momento mais rico e fecundo da história da educação e conseqüentemente da pedagogia no Ocidente. Nesse contexto a sociedade já estava distribuída em classes: aristocratas de um lado e trabalhadores do outro. Estamos diante de uma sociedade escravista. Nos apresenta variados modelos e teorias educativas que se estendem desde a *pólis* grega à *respublica* romana, com características ora similares, ora conflitantes. Além disso, conforme Cambi (1999, p. 38), “produz a passagem tanto em educação como em ética e até em gnosiologia, do *ethos* para a *theoria*”.

No entanto, não podemos esquecer do caso do Médio Oriente. O Egito, uma das grandes civilizações pré-grega, é reconhecido como berço cultural e educacional, suas invenções serviram de base para outras civilizações, a exemplo da própria Grécia. Os egípcios cultivavam grande conhecimento das ciências (geometria, astronomia e matemática), da agricultura e da agrimensura, além disso, de acordo com Manacorda (2010, p. 22), deduz-se que tivessem “como pressuposto uma transmissão organizada das habilidades práticas e das noções científicas relativas à cada atividade”, visto que a divisão do trabalho com suas especificações assim o exigia.

Já a Grécia é considerada a matriz da cultura relativa à educação. Na visão de Manacorda (2010) a educação grega guarda resquícios da tradição egípcia, embora menos rigidamente, evoca a separação dos processos educativos entre classes sociais: para os governantes uma educação para a política e suas atribuições; para os produtores uma

formação prática baseada na observação do trabalho do adulto; e, para os excluídos, nem formação intelectual e nem manual. Desenvolve-se nesse contexto, uma noção de formação humana basilar, baseada fortemente na filosofia, a *paideia*<sup>2</sup>, consistia-se em muitos modelos e firmou-se como central nas teorizações pedagógicas da antiguidade, tem a formação cultural do homem como foco, porém, que homem é esse digno de receber tal formação? Lamentavelmente este indivíduo não é um trabalhador manual. Esta educação deveria ser administrada aos portadores do ócio, aqueles que poderiam desfrutar de tempo livre. Presenciamos a clara divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual, persistente em nossa história.

Nas famílias encontra-se o pedagogo, que acompanhava as crianças até as escolas “e em parte exerce a função de mestre, ou pelo menos a de repetidor para elas; é um escravo e, em geral um estrangeiro; mais raramente e só de modo temporário (isto é, até o previsível resgate), também um grego forasteiro, escravo numa cidade que não é a sua” (MANACORDA, 2010, p. 67).

Embora Roma tenha conquistado a Grécia (em 167 a. C), em termos socioculturais, a conquista deu-se controversamente, a cultura grega conquista a romana. Desse modo, operou-se uma reviravolta cultural a qual os costumes dos gregos foram adotados e se corporificaram na sociedade. Isto não foi indiferente à educação, a pedagogia romana heleniza-se, liberta-se do seu modo e se aproxima cada vez mais da *paideia* grega.

Manacorda (2010) presume, através dos documentos analisados, que a escola romana já existia entre o fim do século IV e o início do século III a. C., sendo provavelmente uma escola latina, de primeiros rudimentos, já influenciada pela cultura grega. Embora o processo de aculturação tenha encontrado resistência ele predominou e foi por meio disso que a cultura grega se universalizou, pois conforme esse autor, através do Império Romano que a cultura grega foi transmitida à Europa. Passando ao período medieval<sup>3</sup>, a pedagogia passa de uma visão centrada no homem, presente no ideal de

---

<sup>2</sup>Este ideal de *paideia* prevê uma formação humana que antes de tudo é formação cultural e universalização (por intermédio da cultura e do “cultivo” do sujeito que ela implica e produz) da individualidade (CAMBI, 1999, p. 38).

<sup>3</sup>A Idade Média é um período que se estende do ano 476, fim do Império Romano no Ocidente, até o ano de 1453 que corresponde à tomada de Constantinopla pelos turcos, alguns estudiosos a encerram no ano de 1492, data da “descoberta” da América. Convencionou-se a dividir esse período em Alta e Baixa Idade Média. A sociedade dessa época se aglomerava em torno dos feudos, abandonando a vida nas cidades. A economia era de subsistência e com pouco intercâmbio de mercadorias, movida pelo escambo. Nesse período a visão cristã permeará a tradição pedagógica com o seu espírito religioso, ocupando, inclusive os espaços de ensino, como os mosteiros e catedrais. São introduzidas noções pedagógicas tão fecundas que influenciaram a modernidade.

*paideia*, para uma visão centrada no divino e acentua, com isso, a concepção essencialista platônica. Como assinala Suchodolski (1984) o cristianismo não só transformou como desenvolveu a concepção platônica que acerou a diferenciação entre a vida material e a espiritual.

Nesse contexto a educação também se dividia entre nobreza e povo, e busca se amparar na *paideia* cristã reinterpretada. “O problema educacional coloca-se de forma radicalmente dualista, com uma nítida distinção de modelos, de processos de formação, de locais e práticas de formação entre as classes inferiores e a nobreza (CAMBI, 1999, p. 157)”.

De acordo com Cambi (1999), o cristianismo operou uma radical mudança educativa no mundo ocidental sendo, talvez, a maior da história. A família deixa de ser a principal instância educativa e a Igreja assume a posição central de formadora. Muda-se também o ideal formativo, de *paideia* grega à *paideia* cristã e as teorias pedagógicas, que agora se orientam pelo princípio da religiosidade.

A Escolástica de acordo com Cambi (1999, p. 186) faz uma releitura da educação envolvendo tanto os processos de formação quanto a aprendizagem, os quais as universidades deram uma contribuição importante “com a sua organização de estudos e com os mestres que elaboraram aquelas técnicas de trabalho intelectual”. Contudo, os modelos educativos foram enfrentados pelos grandes intelectuais da Escolástica, com metodologias decorridas da disputa sobre razão e fé que perpassa o florescimento dessa filosofia entre 1200 e 1300.

Já a modernidade<sup>4</sup> irrompe conscientemente as estruturas socioeconômicas medievais, trata-se de uma época com características profundamente distintas na aparência, mas que na essência mantém a velha estrutura de classes. Nesse período nasce o Estado moderno e centralizador; a burguesia se consolida como classe dominante; o Iluminismo surge como aparato filosófico-político e empreende uma reforma educacional. Exige-se uma “nova” formação baseada em “novos” valores e estabelece “novos” modelos. Prevalece, nesse cenário, o laicismo e a racionalidade.

Segundo Cambi (1999), nesse contexto mudam-se os fins e os meios educativos: agora a educação destina-se a um indivíduo mundanizado de fé laica; surgem outras instituições educacionais e de controle social, a qual a escola ocupa lugar central; as

---

<sup>4</sup>Período demarcado entre os anos de 1453 e 1789, como já dissemos, iniciando-se com a tomada de Constantinopla e encerrando-se com a eclosão da Revolução Francesa.



teorias pedagógicas se emancipam de um modelo filosoficamente estabelecido para uma conotação empirista. Nasce a pedagogia como ciência.

Juntamente com a “nova” escola e a “nova” cultura burguesa surge o humanismo<sup>5</sup>, que põe o homem no centro das discussões, contrariando o espírito do período medieval, tem no Renascimento o seu braço artístico e cultural. Esse movimento nasce aristocrático e dedica atenção aos problemas do homem e da sua educação. Despreza a escola da época, mas não ignora o ensino. Segundo Manacorda (2010), foi próprio do humanismo e do renascimento procurar uma nova forma mais culta e mais humana de instruir a criança.

Para Suchodolski (1984), no Renascimento a pedagogia da essência se desenvolveu ainda mais, devido a sua ligação com a tradição laica e racionalista da antiguidade, todavia, completou essa herança antiga-cristã com uma visão própria de homem. Coloca-se então a questão da essência humana, de sua individualidade e marca o início do conflito entre pedagogia da essência e pedagogia da existência.

A pedagogia humanística põe em relevo a formação do homem e a natureza da criança. Esse movimento não desfez a ideia de natureza e de nobre e, portanto, de educação natural. Faz parte dos novos tratados da pedagogia humanística a leitura dos textos, inclusive os clássicos; uma parceria entre mestre e discípulo; aulas ao ar livre; jogos e brincadeiras; substituição das punições; aprendizagem que vai do livro, passa pela música e vai até a educação física.

O século XVI marca o início da pedagogia moderna e diz adeus à educação cavaleiresca, pois, as condições históricas já prescindiam dela. Segundo Manacorda (2010), os temas mais recorrentes nesse período são: Renascimento, reforma, contrarreforma, utopia e revolução. Nesse contexto a pedagogia moderna floresce.

A Reforma traz como consequência, principalmente nas posições luteranas, a aproximação do fiel com as sagradas escrituras, assim, em termos de pedagogia, funda o princípio do direito à instrução e de sua gratuidade, embora, em nível elementar. Atribuiu-se a Martinho Lutero a constituição de um novo sistema escolar destinado a meninos e à formação para o trabalho. Incentivou os pais a enviarem seus filhos ao trabalho nas empresas e à escola. Apela para a utilidade da educação, sendo responsável pela preparação do homem político e da mulher dirigente do lar. Ao tratar de trabalho manual e intelectual, Lutero privilegia o segundo.

---

<sup>5</sup>O Humanismo se caracteriza pela “descoberta do valor autônomo das *humanae literae* em relação às *literae divinae* e, portanto, pela volta à leitura dos clássicos” greco-latinos. (MANACORDA, 2010, p. 215-216).



A Contrarreforma, movimento reacionário à Reforma Protestante, identifica-se pela defesa intransigente dos preceitos católicos, a ponto de condenar as iniciativas de instrução populares e a própria inovação cultural. A resposta da Igreja encontra-se no Concílio de Trento (1546-1563<sup>6</sup>), além de outras determinações, apoia o surgimento de ordens religiosas com a finalidade de combater o avanço protestante e difundir o catolicismo no “Novo Mundo”. Esse movimento da Igreja Católica traz importantes consequências para a educação: o florescimento dessas ordens com fins não somente eclesiais, mas também com a finalidade de formar os filhos das classes dirigentes.

Para alguns autores Jam Amos Comenius é considerado uma das mais importantes personalidades da pedagogia nesse período. Manacorda (2010, p. 269), o destaca como um utopista, o qual se incumbirá de reelaborar a enciclopédia do saber, com sua educação universal, “o tudo a todos totalmente”, nutrida de filosofia e de caráter político-religioso, delinea pela primeira vez de maneira orgânica e sistemática alguns dos problemas já relevantes da pedagogia: desde o projeto antropológico-social que deve guiar o mestre até os aspectos gerais e específicos da didática, para chegar às estratégias educativas referentes às diversas orientações da instrução.

Nesse momento, a ofensiva da pedagogia da essência se fez de duas formas: pela via tradicional, representada pelos jesuítas e pela vertente moderna, ligada à noção de natureza esta, por sua vez, influenciará o século seguinte, trazendo como consequência a formulação do chamado Sistema natural da cultura, o qual se concentrou na luta de destruir “o que na vida real dos homens violava os princípios da ordem natural e combater as aspirações audaciosas que punham em dúvida a existência de tais princípios” (SUCHODOLSKI, 1984, p. 30).

Laicização educativa e racionalismo pedagógico são as marcas do século XVIII. Destacam-se, entre outras, a figura de Jean-Jacques Rousseau, considerado a figura que mais influenciou a reviravolta mais explícita da pedagogia, chegando a ser chamado de o “pai” da pedagogia contemporânea. “Política e pedagogia estão estreitamente ligadas em Rousseau: uma é o pressuposto e complemento da outra, e, juntas tornam possível a reforma integral do homem e da sociedade” (CAMBI, 1999, p. 343).

Segundo Cambi (1999), o seu objetivo é trazer o homem de volta à sua condição natural, eliminando o mal. Seu pensamento articula-se em dois modelos: na primeira obra

---

<sup>6</sup>Manacorda (2010) utiliza o ano de 1564 como referência.

*Emílio* encontram-se as noções de educação mais centrais e, no *Contrato social* disserta sobre uma educação socializada e regulada pelo Estado.

No contexto desse período, o Iluminismo põe em crise o humanismo e a descoberta do “Novo Mundo” arruína o velho mundo. Chega-nos o século das “luzes”, assim diziam os “modernos”, que na periodização histórica classificaram a Idade Média como a “Idade das Trevas”. O movimento dos reformadores, utopistas e revolucionários contribuem para a contestação das bases do mundo medieval.

No tocante à educação, o objetivo é educar todos os homens humanamente. Presencia-se a criação das grandes enciclopédias que nascem da preocupação em classificar e atualizar o saber próprio do Seiscentos e parte do Setecentos. Eclodem reivindicações por uma instrução estatal, pela igualdade, a universalização e a laicização da educação, pois ainda estava sob a tutela da Igreja. Um episódio importante, que ilustra o processo de laicização da educação, foi a supressão da Ordem jesuítica em 1773.

Destarte, no século XVIII desponta a Revolução Industrial, circunstância a qual modificará substancialmente a vida europeia e, por conseguinte, a de outros povos. Traz como consequência imediata à supressão das corporações de artes e ofícios e da aprendizagem artesanal como instrução das classes populares, gera com isso, a instituição da escola pública mediante o desenvolvimento da fábrica. Falamos pela primeira vez de uma “educação para todos”, mínima, capaz somente de instruir os novos trabalhadores ao manuseio da máquina.

Além de outras características, surge uma nova classe social: o proletariado. Submete grande número de homens, mulheres e crianças à força do capital. O advento dessa revolução abole os processos educativos populares e engendram novas iniciativas por parte da sociedade civil.

Dá-se início a mais um período de nossa história: a época contemporânea, demarcada cronologicamente pela Revolução Francesa (1789). Um período de rupturas e de afirmação para o futuro. Ocorrem grandes “revoluções”: da Revolução Francesa até 1848, passando pela Revolução Russa em 1917 até os pós guerra mundial. Época da industrialização, do “direito das minorias” e da “democracia” (CAMBI, 1999).

Manacorda (2010) sugere que no Oitocentos a pedagogia ganhou uma conotação mais social, nesse momento a burguesia suscita uma nova classe da qual não pode prescindir, surge o moderno proletariado industrial, com interesses antagônicos aos dos burgueses. Como afirma Ponce (2010, p. 115) “se a educação cavaleiresca já não servia

para esse nobre que tendia a ser cortesão, tampouco eram úteis a dialética e a teologia ao bom burguês que fretava navios para viagens ao Novo Mundo”.

O modo de produção se transforma profundamente: das corporações de artes e ofícios em corporações simples, passando pela manufatura até chegar à fábrica. Esse novo padrão produtivo deslocará uma grande massa de trabalhadores do campo às cidades. O moderno proletário, ex-artesão, se torna livre do ponto de vista formal, ao mesmo tempo, torna-se preso ao trabalho fabril. Foi expropriado de sua ciência – agora pertencente a outro – perde assim, o seu aprendizado, assim, o trabalhador “não possui mais nada: nem o lugar de trabalho, nem os instrumentos de produção, nem a capacidade de desenvolver sozinho o processo produtivo integral, nem o produto do seu trabalho, nem a possibilidade de vendê-lo no mercado” (MANACORDA, 2010, p. 328).

Contudo, o desenvolvimento da indústria suscitará o tema da instrução do operariado, pois as inovações técnico-científicas, assim o exigiram, logo, a educação profissional é a saída para a adequação dos trabalhadores aos ditames da fábrica.

Assim, a universalização da instrução avança no Oitocentos. Põe em marcha a luta pela laicização e estatização da educação, essa batalha pedagógica atinge todos os níveis da educação. Essa época, também se constitui como o segundo momento de desenvolvimento da didática, presencia a intensificação dos reclames em torno da instrução popular e da educação infantil, da difusão dos livros e das novas escolas para a formação de professores.

Juntamente com o surgimento dos “novos” conteúdos educativos, com o progresso da ciência, reclamam-se “novos métodos” para ensinar. Renasce a educação física e na segunda metade do século, a instrução do elementar a superior se estatiza em toda Europa.

Conforme aponta Cambi (1999) o saber pedagógico, nesse período, emancipou-se da metafísica e articulou-se com uma gama de conhecimentos, desvinculou-se, não totalmente e nem pudera, da filosofia. Configurou-se como um saber plural e difuso em seu interior entre filosofia e ciência, entre teoria e prática. Esse fenômeno persegue a pedagogia e polemiza: ora se requer dela um saber mais teórico, ora postula-se um saber mais prático.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Evidenciamos que o surgimento da propriedade privada e das classes sociais propiciou a cisão entre trabalho manual e intelectual e forjou a possibilidade do ócio e,

por sua vez, uma instituição para aqueles que podiam usufruí-lo, falamos da escola. É notório que a educação bem como a pedagogia passou por grandes transformações nesses períodos, que infelizmente não podemos externá-las em sua grandeza e complexidade neste texto, esse fato impôs a constituição da docência enquanto campo profissional.

Quanto à pedagogia, esta, ainda se mantinha ora atrelada à metafísica, ora aos saberes da prática. Como veremos nos próximos tópicos, essa condição começa a ser modificada ainda no século XIX, para se estabilizar no século seguinte e se redefinir atualmente.

Percebemos que cada momento histórico produz uma noção particular de educação, mas os seus fins permanecem o mesmo: formar os filhos das elites dirigentes para ocupar as funções de direção, enquanto, em alguns momentos, formar os filhos da classe trabalhadora para ocupar as funções que requerem trabalho manual.

Além disso, a educação em sentido lato, não pode ser equivalente à escola ou a pedagogia, pois a escola se constitui no lugar, institucionalizado, seja estatal ou não, dedicado ao ensino; enquanto a pedagogia, se trata da ciência da educação, portanto, a ciência dos fenômenos educativos.

## REFERÊNCIAS

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia como ciência da educação**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo, Cortez, 2010.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia no Brasil: história e teoria**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção memória da educação).

SUCHODOLSKI, Bogdan. **A pedagogia e as grandes correntes filosóficas: pedagogia da essência e a pedagogia da existência**. [s.l.]: Horizonte, 1984.